

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

MAÍRA CRISTINA FERNANDES

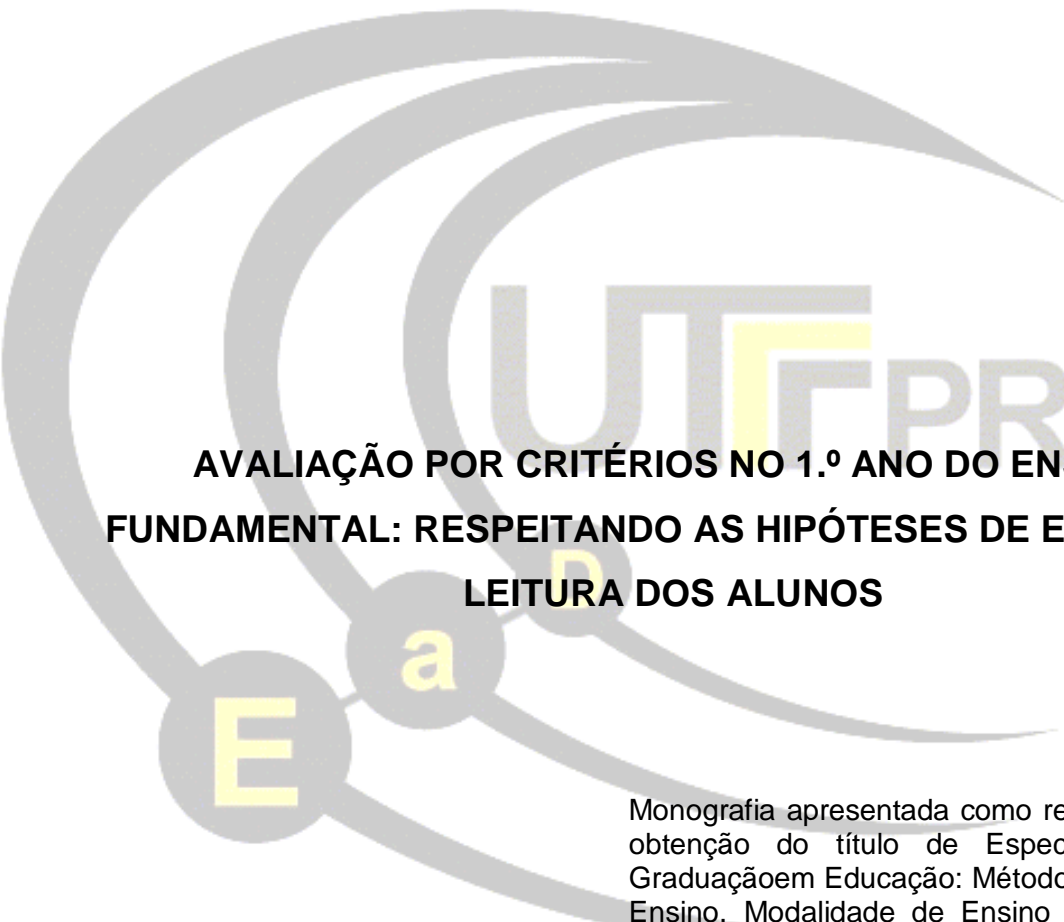
**AVALIAÇÃO POR CRITÉRIOS NO 1.º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: RESPEITANDO AS HIPÓTESES DE ESCRITA E
LEITURA DOS ALUNOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

MAÍRA CRISTINA FERNANDES



**AVALIAÇÃO POR CRITÉRIOS NO 1.º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: RESPEITANDO AS HIPÓTESES DE ESCRITA E
LEITURA DOS ALUNOS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Neron A. Cortes Berghauser, Ms.

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Avaliação por critérios no 1.º ano do Ensino Fundamental: respeitando as hipóteses de escrita e leitura dos alunos.

Por

Maíra Cristina Fernandes

Esta monografia foi apresentada às **18h30min do dia 31 de agosto de 2018**, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Ms. Neron Alípio Cortes Berghauer
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Profa Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira

Profa. Ms. Joice Maria Maltauro Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho aos meus pequenos grandes
Alunos que me inspiraram a desenvolver este estudo
para uma melhor compreensão de nossa educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar a força necessária para vencer os desafios, o ânimo para continuar a estudar e a luz para me guiar sempre no caminho do bem, do conhecimento e da sabedoria.

A minha família que me incentiva, compreende os momentos de falta devido aos estudos e trabalho.

Ao meu orientador professor Neron Alípio Cortes Berghauser, que teve persistência e paciência em minha orientação e não me deixou desistir.

Aos meus professores e colegas do curso Educação: Métodos e técnicas de ensino que sempre me motivaram e trouxeram considerações importantes a minha formação.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda pessoas

Pessoas transformam o mundo”.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

FERNANDES, Maíra Cristina. **Avaliação por critérios no 1.º ano do Ensino Fundamental**: respeitando as hipóteses de escrita e leitura dos alunos. 2018. 45p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

O tema do trabalho tem por objetivo discutir a avaliação no 1.º ano do Ensino Fundamental, no processo de alfabetização, em uma escola privada. Levando em consideração a concepção sociointeracionista, parte do conhecimento das diferentes hipóteses de escrita estudadas pela pesquisadora Emilia Ferreiro e as estratégias de leitura que os alunos iniciam essa fase escolar. Percebendo as diferentes fases e ritmo dos alunos, verificou-se a necessidade de avaliações diversificadas e com critérios específicos para cada fase. Assim o trabalho delinea os diferentes tipos de avaliação, dando exemplos de atividades diferenciadas para cada hipótese estudada, dando ênfase na sondagem de escrita para identificação das hipóteses. Apresenta os resultados obtidos em uma classe no ano de 2017 e realiza ainda uma discussão sobre a avaliação classificatória neste período inicial de aprendizagem da leitura e escrita. O trabalho realizado verificou-se que todas as crianças avançam no processo de alfabetização, cada uma em seu ritmo e isto deve ser respeitado no momento de decisão de sua vida escolar.

Palavras-chave: Avaliação. Critérios. Alfabetização. Escrita. Inclusão.

ABSTRACT

FERNANDES, Maíra Cristina. **Evaluation by criteria in the 1st year of Elementary School: respecting the students' writing and reading hypotheses.**2018. 45p. Monograph (Specialization in Education: Teaching Methods and Techniques). Federal Technological University of Paraná, Medianeira, 2018.

The theme of the study is to discuss the evaluation in the 1st year of primary education, in the literacy process, in a private school. Taking into account the socio-interactionist conception, part of the knowledge of the different writing hypotheses studied by the researcher Emilia Ferreiro and the reading strategies that the students begin this school phase. Perceiving the different phases and rhythm of the students, it was verified the need for diversified assessments and with specific criteria for each phase. Thus the work outlines the different types of evaluation, giving examples of different activities for each hypothesis studied, emphasizing the writing survey to identify the hypotheses. It presents the results obtained in a class in the year 2017 and also performs a discussion about the classification evaluation in this initial period of reading and writing learning. The work carried out has shown that all children advance in the process of literacy, each in its own rhythm and this must be respected at the time of decision of their school life.

Keywords: Evaluation. Criteria. Literacy. Writing. Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – hipótese pré silábica.....	14
Figura 2–hipótese pré silábica.....	15
Figura 3 –hipótese pré silábica.....	15
Figura 4 – hipótese pré silábica.....	16
Figura 5 – hipótese pré silábica.....	16
Figura 6 – hipótese silábica sem valor.....	17
Figura 7 – hipótese silábica com valor.....	17
Figura 8 – hipótese silábico alfabética.....	18
Figura 9 – hipótese silábico alfabética.....	18
Figura 10 – hipótese alfabética.....	19
Figura 11 – hipótese alfabética.....	19
Figura 12 – atividade de alfabetização com rimas.....	27
Figura 13 – atividade para pré-silábico.....	28
Figura 14 – atividade de leitura para alunos pré silábicos.....	29
Figura 15 – atividade de leitura para alunos alfabéticos.....	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sondagem de janeiro.....	35
Gráfico 2 – Sondagem de fevereiro.....	36
Gráfico 3 – Sondagem de abril	37
Gráfico 4 – Sondagem de agosto.....	39
Gráfico 5 - Sondagem de dezembro.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 ALFABETIZAÇÃO E HIPÓTESE DE ESCRITA.....	13
2.1.1 Hipótese pré-silábica.....	14
2.1.2 Hipótese silábica.....	16
2.1.3 Hipótese alfabética.....	18
2.2 ALFABETIZAÇÃO E HIPÓTESE DE LEITURA	19
2.2.1 A criança ainda não lê.....	20
2.2.2 Estratégias e tipos de leitura.....	21
2.3 AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS.....	22
2.3.1 Avaliação diagnóstica.....	23
2.3.2 Avaliação formativa.....	24
2.3.3 Avaliação classificatória.....	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	32
3.1 LOCAL DE ESTUDO	33
3.2 TIPO DE PESQUISA	33
3.3 COLETA DOS DADOS	34
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
4.1 PRIMEIRA ETAPA DA SONDAÇÃO.....	35
4.2 SEGUNDA ETAPA DA SONDAÇÃO.....	38
4.3 TERCEIRA ETAPA DA SONDAÇÃO.....	40
4.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – SÍNTESE.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÃO	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como tema a Avaliação no 1.º ano do Ensino fundamental, observando que neste momento os alunos apresentam uma grande heterogeneidade entre as habilidades de escrita e leitura. Para isso são apresentadas diferentes hipóteses, de acordo, com o estudo de Emília Ferreiro, para delinear este estudo.

Considerando as respectivas hipóteses e respeitando os diferentes avanços e níveis de aprendizagem de cada aluno, é necessário repensar a avaliação para esta fase, definindo critérios, de acordo, com as hipóteses que cada aluno possui.

Este estudo teve como objetivo o aprofundamento sobre as hipóteses de leitura e escrita dos alunos, uma discussão sobre a avaliação classificatória e uma abordagem enfática na avaliação formativa considerando os critérios de aprendizagem e as diferentes estratégias com modelos de atividades para cada hipótese estudada.

Houve a necessidade desse trabalho percebendo as dúvidas e dificuldades ainda encontradas na sala de aula sobre como classificar um aluno que ainda não escreve convencionalmente, visto que o sistema de ensino é classificatório, requer uma nota ao final de um período, e não prejudicar o aluno, que está em fase de aprendizagem e acabou de ingressar no Ensino Fundamental, assim esclarecer uma demanda de conhecimentos e prática sobre avaliações.

Para este trabalho foi realizado uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, observando os processos avaliativos aplicados aos alunos em uma classe de alfabetização e conversas com as professoras sobre esses processos avaliativos e suas percepções.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma das principais discussões do Ensino Fundamental é a avaliação. A criança na Educação Infantil é avaliada como um todo, por meio de relatórios de seu desenvolvimento em diferentes áreas trabalhadas, ao entrar no Ensino Fundamental um novo formato de avaliação é apresentado à criança e às famílias, e todos os agentes envolvidos, inclusive os professores discutem a melhor forma de avaliar com um olhar amplo, respeitando as diferenças, os avanços, os conhecimentos prévios e as aprendizagens durante o ano letivo.

Essa dimensão da avaliação é realizada por professor e estudante no contexto da sala de aula e seu objetivo é avaliar a construção e o domínio, por parte dos estudantes, de conteúdo, habilidades e competências expressos nas expectativas de ensino e aprendizagem (REFERENCIAL CURRICULAR - SESI, p.52).

A primeira etapa avaliativa no 1.º ano do Ensino Fundamental deve ter um olhar mais criterioso, respeitando as diferenças, pois alguns alunos vêm da Educação Infantil já sabendo ler e escrever e outros ainda estão conhecendo as letras do alfabeto; essa heterogeneidade deve ser aplicada à avaliação.

O professor precisa ter cuidado para não tornar sinônimo o que o aluno já sabe e o que lhe foi ensinado – não são necessariamente duas coisas iguais. Nesses casos, é importante que desenvolva uma sensibilidade e uma espécie de escuta para a reflexão que as crianças fazem, supondo que atrás daquilo que pensam há coisas que têm sentido e que não são apenas fruto da ignorância (WEISZ, 2000, p.43).

O estudo sobre a Avaliação no 1.º ano é direcionado para um aprofundamento sobre a alfabetização e as hipóteses de escrita e leitura abordando as hipóteses estudadas por Emília Ferreiro. Em seus estudos a doutora investigou como a criança aprende a escrever e ler, demonstrando a partir das observações, conversas com as crianças e sondagens direcionadas, que a criança mesmo antes de saber escrever convencionalmente, já pensa sobre a escrita, já possui hipóteses sobre esse complexo sistema de representação.

Para fundamentar o estudo da leitura e suas estratégias utilizarei as pesquisas de Isabel Solé, enfatizando o processo da alfabetização.

Em relação aos diferentes tipos de avaliação aprofundarei os conhecimentos em torno das pesquisas de Domingos Fernandes, Benigna Maria de Freitas e Perrenoud.

2.1 ALFABETIZAÇÃO E HIPÓTESE DE ESCRITA

Há diferentes concepções para a alfabetização da escrita e diferentes metodologias. Para este estudo foi usada a concepção sócio interacionista e construtivista, pois o sujeito só aprende quando socializa com seus pares e atua sobre o objeto, para Piaget: “[...] não se conhece, realmente, um objeto senão agindo sobre ele ou transformando-o” (PIAGET, 1978, p.73)

Emília Ferreiro, por meio de suas descobertas, viu que a criança já tinha uma ideia de leitura e escrita mesmo antes de saber ler e escrever. Para ela,

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente nas concentrações urbanas). O escrito aparece para a criança, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais.(FERREIRO, 2001, p. 43)

A partir de suas pesquisas de campo, observando as crianças e analisando-as, foram definidas hipóteses para suas escritas em diferentes níveis de conhecimentos.

Entre os resultados mais surpreendente que obtivemos (através de diferentes situações experimentais) se situam aqueles que demonstram que as crianças elaboram ideias próprias a respeito dos sinais escritos, ideias estas que não podem ser atribuídas à influência do meio ambiente. Desde aproximadamente os quatro anos, as crianças possuem sólidos critérios para admitir que uma marca gráfica possa ou não ser lida, antes de serem capazes de ler os textos apresentados. (FERREIRO, 2001, p. 45)

Na sequência, são descritas e exemplificadas cada hipótese de acordo com os estudos de Emília Ferreiro.

2.1.1 Hipótese pré-silábica

Nesta hipótese a criança substitui a escrita por outros elementos gráficos ou já demonstra conhecimentos de elementos da escrita, porém, não diferencia funções destes elementos, mas a partir deles irá criar meios de diferenciação podendo assim, desenvolver-se em suas hipóteses. Na hipótese pré-silábica pode-se identificar diferentes níveis de consciência, tais como:

- Representação por meio de figuras e ilustrações, como pode ser visto na Figura 1, neste caso a criança ainda não diferencia escrita de figuras, portanto representa a ilustração do objeto solicitado.

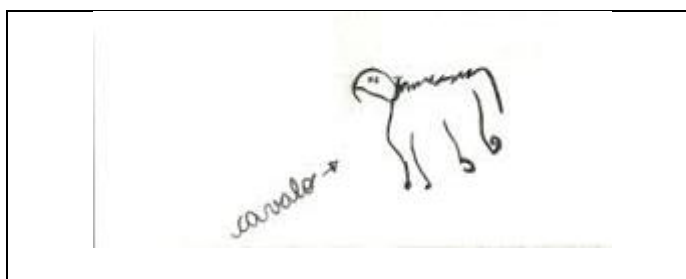


Figura 1-Representação da Hipótese pré-silábica por meio de figuras.

Fonte: Ensinar a aprender (2018)

- Representação de uma escrita não convencional (Figura 2), condição na qual a criança já percebe que escrever não é desenhar, já demonstra uma linearidade sobre como escrever, porém, não representa letras convencionais, embora busque em sua escrita, aspectos semelhantes à escrita convencional.

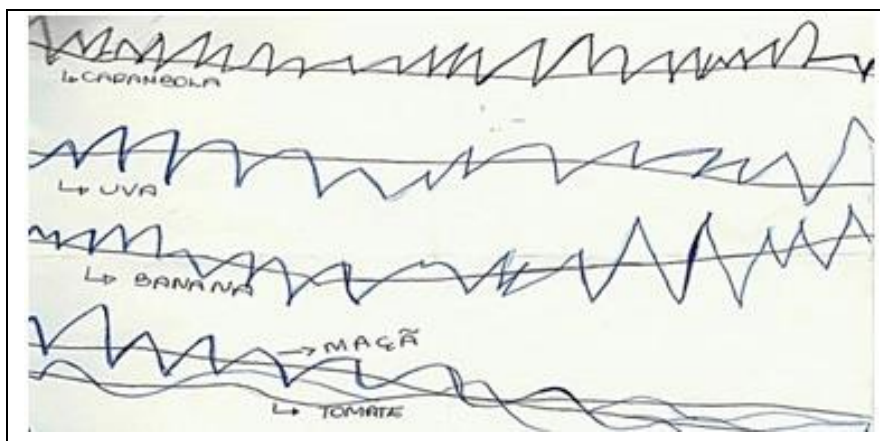


Figura 2 -Representação da Hipótese pré-silábica por meio de representação de escrita não convencional.

Fonte:Researchgate

- Representação de letras e números em sua escrita, como pode ser visto na Figura 3. Neste caso, a criança já descobriu os números e as letras, mas os utiliza em sua escrita indistintamente.

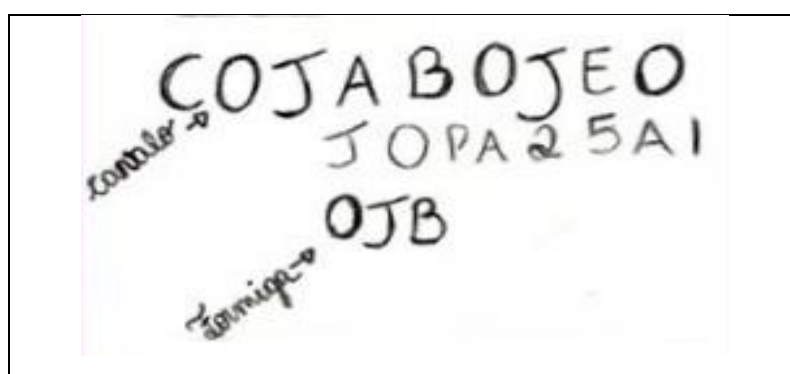


Figura 3 -Representação da Hipótese pré-silábica por meio de representação de letras e números.

Fonte:Ensinar a aprender (2018)

- Representação sem controle de letras ou com número exato de letras (Figuras 4 e 5). Nestes casos, a criança utiliza toda a folha para escrever não demonstrando controle de letras, em outro caso a criança possui um controle sistemático utilizando 3, 4 ou 5 letras para todas as palavras, podendo ter um repertório de letras de seu nome, repetindo-as em diferentes posições; em alguns casos na mesma posição ou utilizando diferente repertório de letras, mas sempre com a mesma quantidade.

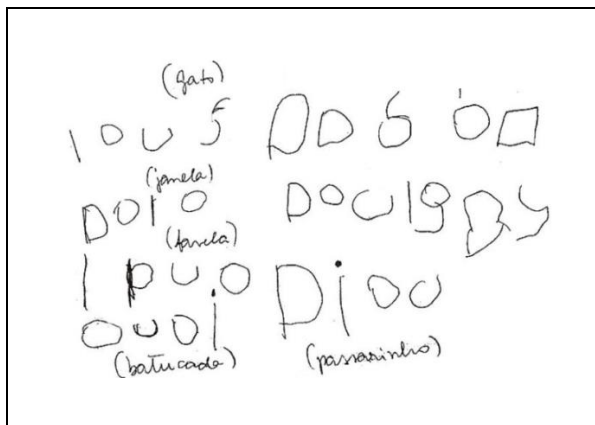


Figura 4 -Representação da Hipótese pré-silábica por meio de representação de letras, mas sem controle dos mesmos.

Fonte: Blog Processo de alfabetização (2018)

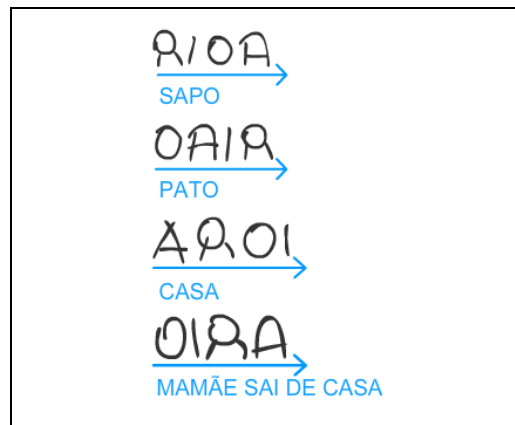


Figura 5 -Representação da Hipótese pré-silábica por meio de representação de letras com controle sistemático.

Fonte: Sabidinhos da Ioio (2018)

2.1.2 – Hipótese silábica

Conforme afirma Ferreiro (2001), nesta hipótese o aluno já identifica a representação da fala por meio da escrita, portanto já tenta transcrever o que fala e estabelecer correspondência quanto a quantidade de fonemas.

A escrita silábica é o resultado de um dos esquemas mais importantes e complexos que se constroem durante o desenvolvimento da leitura-e-escrita. Esse esquema permite a criança relacionar, pela primeira vez, a escrita a pauta sonora da palavra: uma letra para cada sílaba; tantas letras quantas sílabas. (FERREIRO, 2001, p.79)

- Hipótese silábica sem valor, como pode ser visto na Figura 6, a criança representa para cada fonema uma letra, e ao realizar a leitura aponta a letra correspondente em sua fala, porém ao se observar melhor é possível perceber que as letras não possuem qualquer valor sonoro com a palavra solicitada.



Figura 6 -Representação da Hipótese silábica sem valor.
Fonte:Só escola (2018)

- Hipótese silábica com valor (Figura 7), a criança nesta hipótese também representa o fonema com uma letra, porém, já é possível identificar o som relacionado com a sílaba correspondente, algumas vezes representa o valor da consoante, em outras da vogal.

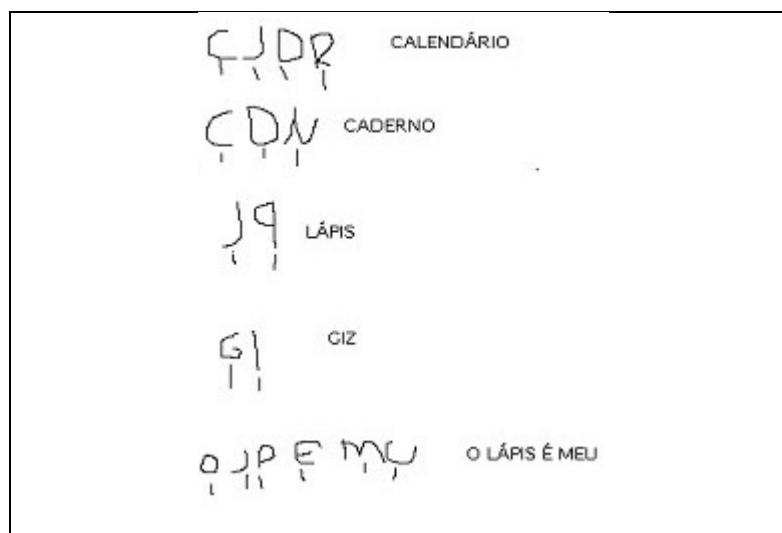


Figura 7-Representação da Hipótese silábica com valor.
Fonte:ALLE (20180)

- Hipótese silábica alfabética, conforme podem ser vistos nas Figuras 8 e 9, esta é uma grande transição, quando a criança já identifica que apenas uma letra não representa o fonema, no entanto ainda demonstra em outras sílabas a escrita silábica com valor, representando apenas uma letra. Nesta hipótese a criança já deu um grande avanço para sua escrita alfabética.



Figura 8 -Representação da Hipótese silábica alfabética, exemplo 1.

Fonte: Ensinar a aprender (2018)

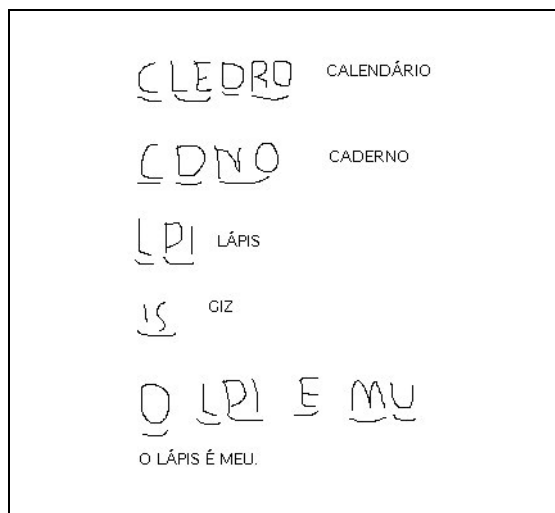


Figura 9 -Representação da Hipótese silábica alfabética, exemplo 2.

Fonte: Blog Processo de Alfabetização (2018)

Ferreiro (2001) comenta alguns detalhes relacionados com a evolução da criança quando começa a se comunicar e fazer entender nesta etapa. A autora também ilustra o papel do professor no domínio necessário para tratar cada fase.

O ponto importante a acentuar é o seguinte: este tipo de escrita tem sido considerado tradicionalmente como “omissão de letras”. É verdade que, do ponto de vista da escrita adulta convencional, faltam algumas letras. Mas, do ponto de vista do sujeito em desenvolvimento (isto é, considerando-se o que ocorreu antes no seu próprio desenvolvimento), este tipo de escrita é “acréscimo de letras” a criança está introduzindo mais letras do que as de que necessitava em sua análise silábica prévia. (FERREIRO, 2001 p. 83 – 84)

A partir dessa hipótese a criança tem um grande passo para alcançar a hipótese alfabética, objetivo final do 1º ano.

2.1.3 – Hipótese alfabética

Conforme pode ser visto as Figuras 10 e 11, na hipótese alfabética, demonstram o grande avanço que a criança obteve em seu processo de alfabetização. Nesta fase a criança já representa a escrita convencional, com letras representando fonemas, as sílabas das palavras. No entanto, nesta fase ainda se encontram palavras sem a ortografia convencional e algumas dificuldades ortográficas como encontros consonantais não demonstrados na escrita. Ainda há

um caminho para desenvolver com a criança em sua escrita, para que ela se torne alfabetizada, letrada.

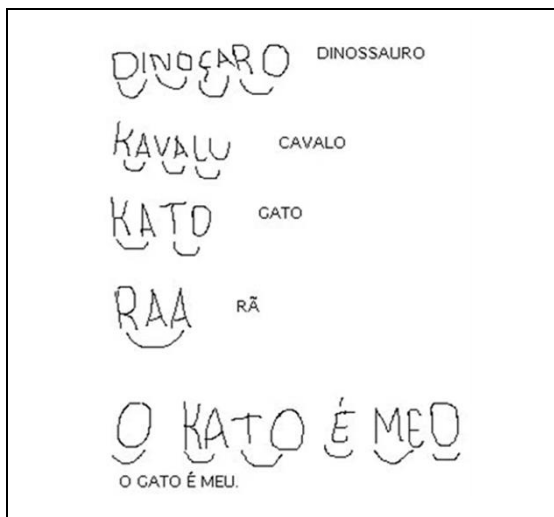


Figura 10 -Representação da Hipótese alfabética, exemplo 1.
Fonte:Educaipo (2018)

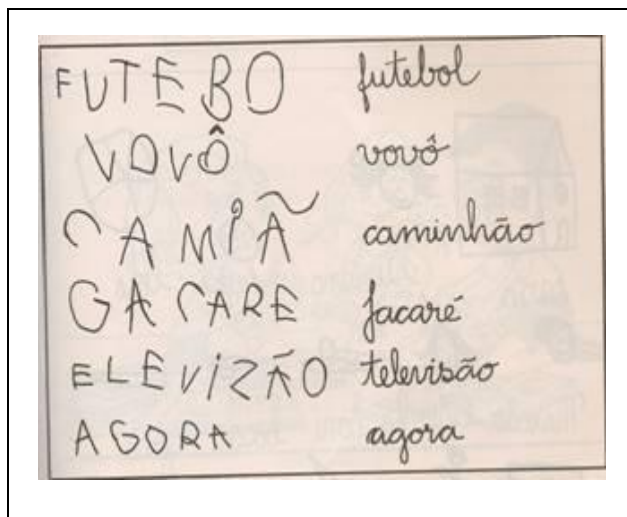


Figura 11 -Representação da Hipótese alfabética, exemplo 2.
Fonte:Rede caminho do saber (2018)

Nesse estudo não foi aprofundado os aspectos da ortografia, do letramento, pois, para a discussão dessa fase inicial do 1.º ano é necessário compreender que há diferentes fases de escrita, e que o professor percebe neste universo, estas diferentes hipóteses, e precisam lidar com elas para que as crianças avancem e não sejam prejudicadas no processo avaliativo, devido seu desenvolvimento na Educação Infantil e na primeira etapa na escola de Ensino Fundamental.

2.2 – ALFABETIZAÇÃO E HIPÓTESE DE LEITURA

Solè (2015) apresenta uma rápida, mas profunda reflexão sobre a importante atividade de ensinar a leitura para o ser humano.

Ler é muito mais do que possuir um cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta.(SOLÈ, 2015 p.90)

Como se vê na escrita e suas hipóteses, na leitura também há estudos que comprovam que mesmo antes de ler, a criança já possui esse universo ao folhear um livro, ao observar um cartaz e traz essas ideias e conceitos para o seu aprendizado. Ao solicitar a leitura de uma criança em uma sondagem de escrita, pode-se já identificar como a criança lê, se parte do esquerdo para o direito, de cima para baixo, se essa linearidade existe, ela já descobriu muitas coisas sobre como se deve ler. Também se faz necessário um aprofundamento sobre este estudo pelos professores, pois há crianças que já lêem com fluência, outras estão silabando, algumas utilizam estratégias que permitam uma possível leitura e outras ainda não lêem.

2.2.1 – A criança ainda não lê

Numa proposta sociointeracionista¹ não podemos confirmar que a criança não lê, pois compreende-se que há diferentes leituras para o mundo, ao analisar uma imagem, verificar palavras próximas, a criança poderá associar o que está escrito e realizar uma leitura própria, uma compreensão do universo ao seu redor.

Porém, a alfabetização no 1.º ano busca a leitura convencional, que a criança decodifique e compreenda o que está escrito, neste processo consideramos a criança que não lê, aquela claro, que não lê convencionalmente e aquela que não busca estratégias de leitura.

Percebe-se alguma dificuldade quando a criança não cria estas estratégias, não possui uma linearidade para seguir uma cantiga, não identifica letras iniciais e finais para encontrar um nome. Para isso, o professor terá que buscar estratégias para que a criança progrida em seu processo de leitura.

¹Sociointeracionista – concepção vigotskyana fundamentada numa abordagem histórica-cultural na qual o sujeito só aprende quando está inserido no meio social e se relaciona com outros indivíduos.

2.2.2 – Estratégias e tipos de leitura

Autores como Solè (2015), Oliveira (1997) e Ferreiro (2001), dentre outros, comentam sobre várias estratégias de leitura como seleção, antecipação, inferência e verificação. Para o 1.º ano do Ensino Fundamental, as crianças também utilizam estas estratégias em seu processo cognitivo de aprendizagem. Elas selecionam o que irão ler, as letras que fazem parte de uma palavra, elas antecipam a leitura de uma história, fazem inferências de acordo com o título e imagens e verificam por meio de correspondências sonoras ou pela leitura própria ou da professora suas hipóteses.

Quando a professora solicita a palavra “morango” em uma lista de frutas, o aluno irá colocar todo seu conhecimento sobre sua leitura, a letra inicial, a quantidade de letras, a letra final e estabelecerá correspondência para verificar se escolheu a palavra correta ao invés de escolher “maçã”; e este processo é muito importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita da criança, pois, a partir dele, o aluno fará elaborações, comparações que utilizará em outras situações.

Para que uma criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente para se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total. (SOLE, 2015 p.92)

Os diversos tipos de leituras como: leitura em voz alta, leitura silenciosa, leitura compartilhada, leitura pela professora, pelo amigo, são necessárias para que a criança nesse processo perceba que em diferentes momentos são necessários diferentes tipos e esses tipos de leitura contribuem para o avanço dela. Voltando a situação exemplificada no parágrafo anterior, o aluno poderá estabelecer correspondência sonora para encontrar a palavra morango, lendo a lista silenciosamente, após sua escolha, poderá ler em voz alta para a classe ou para a professora.

Enfim, tanto as hipóteses de escrita e de leitura são necessárias para compreender o processo de ensino e aprendizagem das crianças, como para criar instrumentos que contribuirão para o avanço do aluno nesse processo.

Compreendendo essas hipóteses e observando a heterogeneidade da classe a professora deverá desenvolver diferentes avaliações de acordo com cada aluno ou com grupos de alunos, respeitando suas hipóteses e contribuindo para que elas avancem.

Vygotsky chama a atenção para o fato de que para compreender adequadamente o desenvolvimento devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança, mas também seu nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes. Há tarefas que uma criança não é capaz de realizar sozinha, mas que se torna capaz de realizar se alguém lhe der instruções, fizer uma demonstração, fornecer pistas, ou der assistência durante o processo. (OLIVEIRA, 1997 p.59)

Dessa forma, cabe ao professor mediar e decidir em quais situações o aluno deverá ter intervenções pontuais da professora, ter atividades em agrupamentos produtivos, em duplas ou atividades individuais, direcionando suas ações para a avaliação.

2.3 AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Primeiramente, deve-se compreender os diferentes tipos de avaliação utilizados em uma concepção sociointeracionista. É necessário entender que a avaliação é importante para nortear ações e desenvolver o aprendizado do aluno, além de conhecê-lo.

Com o conhecimento sobre as hipóteses das crianças é possível criar diferentes instrumentos de avaliação para que elas possam demonstrar tudo o que aprenderam e estão aprendendo durante a alfabetização, neste estudo, especialmente o 1.º ano do Ensino Fundamental.

Os professores dispõem de diferentes instrumentos e tipos de avaliação para auxiliá-los neste processo e cabe a eles definirem e decidirem em que momento os aplicar e quais instrumentos utilizar.

[...] eles só assumirão essa atitude serena e confiante se admitirem que a responsabilidade da programação é sua e que, por conseguinte, precisem mobilizar todos os meios possíveis para responder às seguintes questões: Que prioridades devemos eleger para que nossos alunos obtenham as competências visadas no fim do ciclo? Que situações de aprendizagem devemos propor-lhes? Que ajustes devemos fazer? (PERRENOUD, 2002 p.74-75)

Cada tipo de avaliação auxiliará tanto o professor quanto ao aluno compreender-se e participar do processo de aprendizagem como sujeito ativo e interagir entre si, para o objetivo principal – a aprendizagem.

A seguir, algumas definições dos diferentes tipos de avaliação.

2.3.1 Avaliação Diagnóstica

Esta avaliação é necessária em todo o começo de uma aprendizagem para diagnosticar o que o aluno já sabe sobre o assunto, as habilidades e competências que deverá utilizar para tratar dos conhecimentos que lhe serão apresentados.

Saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer, necessariamente, saber algo socialmente aceito como “conhecimento”. “Saber” quer dizer ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos ou de objetos da realidade. Que esse “saber” coincida com o “saber” socialmente válido é um outro problema. (FERREIRO, 2001 p. 17)

Portanto, para conhecer esse “saber” da criança independente se é o “saber socialmente válido”, é necessária uma avaliação diagnóstica.

Na alfabetização a principal avaliação diagnóstica é a sondagem de palavras. Esta atividade deve ser realizada, preferencialmente de maneira individual; a professora irá pedir que o aluno escreva o nome próprio e ditar quatro palavras (uma

polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba) e uma frase dentro de um mesmo campo semântico, por exemplo, brincadeiras, doces entre outros.

Por meio da sondagem é possível conhecer a hipótese de escrita dos alunos, saber se conhecem as letras, se possuem valor sonoro, se sabem escrever o próprio nome, se utilizam letras do nome na escrita de palavras, se possuem conservação de hipótese, pois, na frase deverá ter uma das palavras ditadas, para que a professora observe se ele repete esta palavra na frase.

Outra atividade é trabalhar lista e texto de memória para verificar as hipóteses de leitura da criança, se ela identifica letras iniciais, finais, se ela estabelece correspondência entre o oral e o escrito identificando palavras em uma cantiga de memória.

A partir desta diagnose inicial, a professora proporá agrupamentos produtivos, nos quais os alunos com hipóteses próximas poderão apoiar uns aos outros para se desenvolver, possibilitará desenvolver atividades que coloquem em jogo tudo o que os alunos já sabem e promovam o desenvolvimento do que eles precisam saber.

Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas. Para a criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1997 p. 61-62)

A aprendizagem é o elemento central e a avaliação diagnóstica é o pontapé inicial para um bom processo de aprendizagem.

2.3.2 Avaliação Formativa

Este tipo de avaliação deve permear todo o processo de aprendizagem. A partir da avaliação diagnóstica, a professora irá propor leituras e produções de listas, textos de memórias, identificação de letras faltantes, letras iniciais, utilização de letras móveis, letras móveis com a quantidade de letras necessárias, letras de palavras bagunçadas, agrupamentos produtivos e situações de escrita com uma função social, lista de compras, de material escolar, de histórias preferidas,

brincadeiras. Uma infinidade de situações e atividades para que os alunos desenvolvam em suas hipóteses.

A avaliação formativa alternativa é uma construção social complexa, um processo eminentemente pedagógico, plenamente integrado no ensino e na aprendizagem, deliberado, interactivo, cuja principal função é a de regular e de melhorar as aprendizagens dos alunos. Ou seja, é a de conseguir que os alunos aprendam melhor, com compreensão, utilizando e desenvolvendo suas competências... (FERNANDES, 2005 p. 65)

As atividades que compõem a avaliação formativa podem ser escritas, orais, com uso de materiais manipuláveis, podem ser atividades objetivas, de ligar, relacionar, pintar, escrever, com apoio de ilustrações, banco de palavras e das tecnologias, através de jogos no computador, de acordo, com a necessidade de cada criança.

2.3.3 Avaliação Classificatória

Este tipo de avaliação foi o motivo principal deste trabalho. Classificar o conhecimento da criança e dar uma nota para ela, é algo muito complexo, principalmente, para crianças em uma sala com diferentes hipóteses de escrita, no início da alfabetização.

Uma das definições de classificar no dicionário Aulete digital é:

3. Atribuir (algo, alguém) a, ou incluí-lo em determinada categoria ou grupo predefinido, com base em certas características
6. Ordenar ou dispor hierarquicamente, em gradação (do menor para o maior, do pior para o melhor, etc.), ou em categorias baseadas nessa gradação ou hierarquia [td. :
7. Distinguir (ou estar entre) aqueles merecedores de aprovação, numa hierarquia ou gradação; *esp.*: aprovar ou ser aprovado para etapa seguinte em concurso, competição etc; *tb.*: ser motivo para aprovação [
8. Formar ou expressar certa ideia, juízo ou opinião a respeito de (algo ou alguém).; CONSIDERAR; QUALIFICAR [tdp. : (acesso em 5/5/2018)

Como citado anteriormente, a criança sai da Educação Infantil com uma avaliação global apresentada por meio de relatórios e embarca no Ensino Fundamental com uma avaliação classificatória, na qual serão atribuídos valores aos seus conhecimentos. Em alguns sistemas poderão distinguir merecedores de aprovação, como no caso do sistema estudado, o aluno que não desenvolver as expectativas e metas do ano deverão ser reprovados. No sistema público há uma legislação que garante a aprovação do aluno nas séries iniciais.

Voltando a questão da avaliação classificatória, o aluno deverá demonstrar seu conhecimento sobre as atividades desenvolvidas e o professor lhe atribuirá uma nota ao final da primeira etapa (bimestral, trimestral, no caso desse estudo quadrimestral).

Nesta avaliação, após todo o processo formativo é imprescindível, perceber os avanços e em uma primeira etapa, não esperar que todos estejam em uma hipótese alfabética, lendo com fluência, já na primeira etapa, pois esta é uma meta a ser cumprida até o final do ano.

Será necessário definir critérios específicos e diferentes atividades, para que as crianças consigam demonstrar o que aprenderam no processo formativo, em um primeiro momento, atividades desafiadoras, mas possíveis.

Para uma criança que já sabe amarrar os sapatos, por exemplo, o ensino dessa habilidade seria completamente sem efeito; para um bebê, por outro lado, a ação de um adulto que tenta ensiná-lo a amarrar sapatos é também sem efeito. (OLIVEIRA, 1997 p.61)

Assim, na alfabetização também ocorre, a criança que já está alfabética, não terá sentido em realizar atividades com letras iniciais, ligar o nome a figura, ou circular palavras que já sabe ler, como que para a criança pré-silábica estas atividades podem ser bem desafiadoras talvez em alguns momentos não possíveis.

Os critérios avaliativos devem respeitar as hipóteses de escrita e leitura de cada aluno e possibilitar também desafios tanto para alunos pré-silábicos quanto para alunos alfabéticos, por este motivo, não é possível igualar, realizar uma avaliação para todos os alunos da sala.


Também não é possível comparar os alunos, esse já é alfabético, então é nota 10 e este é pré-silábico então não poderá receber uma nota. É necessário com as metas traçadas equilibrar as notas, para que todos se sintam motivados e

desafiados a melhorar e alcançar as metas propostas com notas estimuladoras. Caso isso não ocorra pode haver um desânimo de ambos os alunos, de os que já sabem não progredirem, pois percebem que já sabem o que devem saber então não precisam evoluir em sua escrita, e aqueles que estão pré-silábicos acreditarem que não sabem e que não irão aprender para garantir uma nota considerada boa.


A seguir, alguns exemplos de atividades diferenciadas em um mesmo critério para alunos em diferentes hipóteses.

- Alfabetização por meio de identificação com rimas


A CASA

ESSA CASA É DE CACO, 


QUEM MORA NELA É O _____

ESSA CASA TÃO BONITA, 


QUEM MORA NELA É A _____

ESSA CASA DE CIMENTO, 


QUEM MORA NELA É O _____

ESSA CASA DE TELHA, 


QUEM MORA NELA É _____

ESSA CASA DE LATA, 

QUEM MORA NELA É A _____

ESSA CASA É ELEGANTE, 

QUEM MORA NELA É O _____

EU DESCOBRI, DE REPENTE, 

QUE NÃO FALEI DE CASA DE _____

BARATA – GENTE – MACACO – ELEFANTE

JUMENTO – CABRITA - ABELHA

Figura 12 -Representação de uma atividade de alfabetização com o uso se rimas.

Fonte: Janelinha de atividades – banco de palavras pelo autor (2018)

Como pode ser visto na Figura 12, na atividade de alfabetização com rimas, os alunos têm o apoio das imagens e do banco de palavras sendo ideal para as crianças com hipótese pré-silábica ou silábica sem/com valor, pois necessitará que a

maior seria colocar as vogais para que os alunos tentassem descobrir as consoantes ou vice-versa de acordo com a hipótese silábica da criança.

Para os alunos alfabéticos, é possível colocar palavras com dificuldades ortográficas e o número de letras para que eles possam completar todos os quadradinhos, porém sem apoio de letras faltantes, ou deixar apenas uma linha para que a criança escreva livremente.

- Ler utilizando estratégias de leitura

Esta atividade de leitura pode ser um grande desafio para a criança que ainda não percebeu a escrita como representação da fala, um modo de se trabalhar a leitura nesta primeira etapa é com o nome das crianças, e fazer relações, como o Rato começa igual ao amigo Rafael e vice-versa, para que a criança vá percebendo essa relação e consiga evoluir em suas hipóteses. Como pode ser visto na Figura 14, um exemplo da aplicação de técnica de ensino para esta condição de alfabetização.

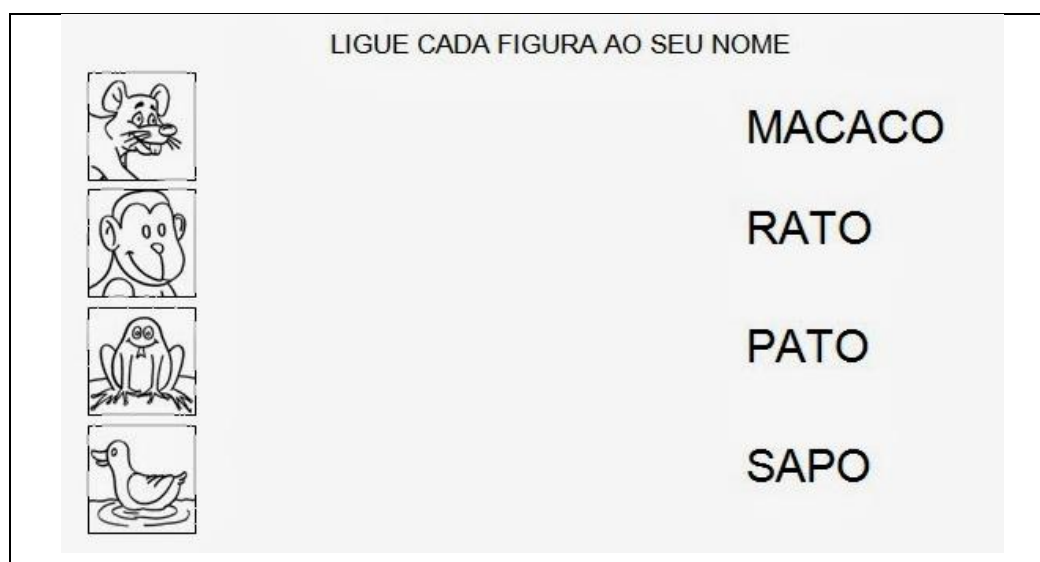


Figura 14 -Representação de uma atividade de leitura para alunos pré-alfabéticos.

Fonte: Pinterest (2018)

Neste caso, também não apresentará desafios para as crianças alfabéticas ou silábicas alfabéticas. Um exemplo de atividade desafiadora pode ser visto na Figura 15.



Figura 15-Representação de uma atividade de leitura para alunos alfabéticos.
Fonte: Espaço saber (2018)

Esta atividade desafiará a atenção do aluno, para que ele perceba as diferenças e consiga escolher a opção correta. Para os alunos alfabetizados não será um desafio, mas para a criança que acabou de entrar na hipótese alfabética, ou está silábica alfabética, poderá ser bem desafiadora.

Há inúmeros modelos de atividades para as diferentes hipóteses de leitura e escrita. Mas para delinear o trabalho já é possível compreender o motivo desse estudo por meio desses exemplos.

Para um processo avaliativo no 1.º ano do Ensino Fundamental de escrita e leitura, as avaliações deverão ser concebidas com diferentes graus de dificuldade e em cada etapa ou bimestre de diferentes formas de abordagem. Numa primeira etapa os alunos deverão mostrar o que avançaram dentro de suas hipóteses. Cabe ao professor verificar e propiciar situações que os alunos demonstrem suas evoluções e classificá-las de acordo com o desenvolvimento de cada um. Por exemplo, o aluno que não reconhece o nome, mas com o estudo agora está reconhecendo, aquele que só representava através de desenhos e agora já demonstra letras ao escrever. Esse desenvolvimento precisa ser respeitado, para que ele se sinta motivado a aprender cada vez mais.

Porém, à medida que o ano vai passando, as aprendizagens devem ser maiores, caso o aluno não demonstre progressos em suas hipóteses a avaliação formativa deverá sempre permear seus conhecimentos, no entanto, a classificatória deverá ter pesos diferentes

As avaliações formativas são as correções de rumo de um navio que navega pelo oceano. São verificadas com frequência para garantir que o navio está em curso para o seu destino. A avaliação somativa corresponde à verificação de que todos os passageiros chegaram ao seu destino (LOPES e SILVA 2012 p.7)

Para os alunos que não avançaram, não chegaram aos seus destinos, em etapas posteriores, o professor poderá classificá-los com notas de acordo com suas hipóteses. Para os alunos que permaneceram na hipótese e não evoluíram, suas notas poderão ser menores que aqueles que evoluíram de uma hipótese para outra. Mas deixando claro que isso não deve acontecer no primeiro contato do aluno com o processo avaliativo.

Isso pode causar confusões e angústias no processo avaliativo, mas dará uma qualidade maior para que o aluno apresente, através de suas hipóteses, a sua aprendizagem. E deve demonstrar o que o professor e a escola esperam do aluno a cada etapa, deixando clara a família essas metas, para que não haja dúvidas em relação ao processo ensino e aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O estudo teve como foco principal a avaliação por critérios em uma turma de 1.º ano do Ensino Fundamental. Teve como metodologia a análise crítica de instrumentos avaliativos aplicados aos alunos em uma escola privada, no ano de 2017.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os processos avaliativos e sobre a alfabetização com aprofundamento nas hipóteses de escrita e leitura dos alunos nesta fase da escolarização, através dos estudos de Emília Ferreiro. Ela foi orientanda e colaboradora de Jean Piaget nos estudos que abordam o desenvolvimento infantil e este trabalho aborda também citações deste pesquisador que observou as diferentes fases de aprendizagem das crianças.

Além destes pesquisadores também se usou para esta pesquisa, os estudos de Telma Weisz que embasou a formação de professores alfabetizadores nos estudos de Emília Ferreiro, focando estratégias diferenciadas para cada hipótese de escrita.

Para compreender os processos de leitura abordaram-se os estudos de Isabel Solé e suas contribuições para a compreensão desta habilidade, utilizando as pesquisas de Emilia Ferreiro sobre as diferentes estratégias de ensino e aprendizagem nesta fase do ensino.

Em outro momento, aprofundaram-se os estudos nos instrumentos avaliativos, nos processos e diferentes tipos de avaliação utilizando autores que estudaram e discutiram questões pertinentes a este tema. As teorias sobre avaliação foram fundamentadas nos estudos de Perrenoud.

Para definir e aprofundar os tipos de avaliação utilizou-se os estudos de Domingos Fernandes e Benigna Maria de Freitas, enfatizando os aspectos formativos e os critérios específicos para a avaliação.

Quanto à análise de instrumentos foram utilizados os estudos de Benigna Maria de Freitas.

Com apoio às discussões foram coletadas informações e opiniões sobre os profissionais envolvidos neste trabalho, observando aspectos positivos e negativos sobre a utilização de critérios e diferentes instrumentos nesta fase da educação.

3.1 LOCAL DO ESTUDO

A escola aqui denominada X, possui duas turmas de 1.º ano, uma com 27 e outra com 24 alunos. O estudo foi aplicado na classe com maior número de alunos e todas as informações serão relacionadas a esta turma.

A sala iniciou-se com 24 alunos, ficando com 27 após o mês de fevereiro de 2017. Nesta turma não há alunos de inclusão. O ensino ocorre em período integral, durante toda a semana (2as a 6as) com exceção da quarta-feira em que a aula acontece somente em meio período, totalizando uma carga horária de 14 horas de Língua Portuguesa durante a semana.

Sendo uma escola privada, a clientela possui condições sociais e econômicas favoráveis. Trata-se de alunos advindos geralmente da Educação Infantil Municipal, com uma minoria vinda do ensino particular.

O sistema educacional é realizado com material próprio e o trabalho é embasado na concepção sociointeracionista. As professoras abordadas na pesquisa lecionam para os primeiros anos no ano de 2016, 2017 e 2018.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho utilizou-se a pesquisa exploratória e de campo, através da observação dos alunos. Para Triviños (1995) *apud* Mucelin (2006, p. 107), observar é:

[...] destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um fenômeno social significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentes e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismo, de relações [...].

Também se utilizou das anotações realizadas pelas professoras sobre o processo de aprendizagem, a análise dos instrumentos avaliativos tanto formativos, diagnósticos quanto os classificatórios.

Foram realizadas conversas com as professoras sobre o processo avaliativos, suas intenções e considerações acerca dos critérios e das diferentes maneiras de avaliar as diferentes hipóteses dos alunos

3.3 COLETA DOS DADOS

Foram coletados dados sobre as sondagens iniciais e realizadas a cada mês com os alunos da classe analisada. Também foram analisados os instrumentos avaliativos aplicados aos alunos tanto os formativos quanto os classificatórios.

As sondagens foram tabuladas para verificar o avanço nas hipóteses dos alunos a cada mês. Foram observados os desempenhos dos alunos em cada etapa classificatória, discutindo-se os resultados das avaliações.

Por meio de diálogos com as professoras, foram coletadas informações importantes para a compreensão deste processo e para ampliar as discussões sobre a qualidade da avaliação por critérios em relação a classificação dos alunos.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi criteriosa e ampla, pois muitos dados coletados geram inúmeras situações a serem discutidas, porém, o foco da análise dos dados foi em relação ao processo avaliativo por critérios e sua interferência no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos quanto a alfabetização.

Em relação à aplicação dos diálogos com os professores, os dados foram analisados em relação a concepção trabalhada pela escola e suas implicações no processo ensino e aprendizagem das crianças, e quanto as concepções pedagógicas envolvidas neste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foram levantados os dados sobre a avaliação diagnóstica dos alunos por meio das sondagens. A professora realiza mensalmente a sondagem e depois tabula seus resultados observando os avanços de seus alunos.

4.1 PRIMEIRA ETAPA DA SONDAAGEM

Na primeira sondagem, a classe contava com 24 alunos. Nesta primeira atividade avaliativa diagnóstica inicial, a professora tabulou os dados, conforme podem ser vistos no Gráfico 1.


SONDAGEM 1º ANO A DIAGNÓSTICA JANEIRO 						
	12					
				4	4	
						3
			1			
NÍVEIS ESCRITA	PRÉ-SILÁBICO	SILÁBICO SEM VALOR SONORO	SILÁBICO COM VALOR SONORO	SILÁBICO ALFABÉTICO	ALFABÉTICO	

Gráfico 1 – Resultado da sondagem de aprendizado – Mês de janeiro de 2018.

Fonte: Autoria Própria.

Como pode ser visto no Gráfico 1, dos 24 alunos avaliados, 12 foram classificados como pré-silábicos, 9 silábicos (sem valor, com valor, silábico alfabético) e 3 alfabéticos.

Nesta etapa, a professora começou a apresentar o alfabeto, pois havia alunos que ainda não conheciam todas as letras; trabalhou-se com o nome próprio para que

a partir deste fosse possível identificar o nome dos colegas e utilizar como apoio para letras iniciais, finais, comparação com outras palavras.

Ao final de fevereiro, uma nova sondagem foi realizada, agora contando com 27 alunos. O resultado desta nova aplicação da avaliação pode ser visto no Gráfico 2.


SONDAGEM 1º ANO A DIAGNÓSTICA FEVEREIRO 					
	10				
				7	
					6
					4
			0		
	NÍVEIS ESCRITA	PRÉ-SILÁBICO	SILÁBICO SEM VALOR SONORO	SILÁBICO COM VALOR SONORO	SILÁBICO ALFABÉTICO

Gráfico 2 – Resultado da sondagem de aprendizado – Mês de fevereiro de 2018.

Fonte: Autoria Própria.

Percebeu-se, neste caso, a ocorrência de alguns avanços nos resultados de escrita das crianças. Com estes indicadores, decidiu-se por continuar o trabalho, e algumas crianças se mantiveram no nível, outras, entretanto, evoluíram consideravelmente, demonstrando novas hipóteses.

Na análise das atividades formativas perceberam-se o trabalho intensivo em agrupamentos produtivos, principalmente em duplas, com hipóteses próximas, discussões que os alunos precisavam pensar na escrita utilizando os conhecimentos.

Como no estudo sobre tipos de casas, a professora trouxe imagens, os alunos deveriam escrever o nome das casas, para os alunos silábicos com valor ela trouxe palavras faltando letras, para os alunos pré-silábicos trouxe banco de palavras e para os silábicos alfabéticos, trouxe quadrinhos mostrando a quantidade correta das letras e para os alfabéticos a escrita sem apoio algum.

Nesta atividade foram propostos agrupamentos dentro do próprio nível de escrita, porém com conhecimentos diferentes. Alguns alunos eram silábicos com valor de vogal, outros com valor de consoante, para os pré-silábicos, alguns já estavam identificando letras iniciais e outros ainda não identificavam, para estes casos, a professora fazia questionamentos como: quantas vezes abre a boca para falar o nome da casa, quando abre a primeira vez que letra fala. Essas perguntas fazem o aluno refletir sobre a escrita e perceber que há relação entre o que se fala e o que se escreve.

Para os meses de março e abril, as sondagens foram aplicadas nos mesmos moldes anteriores e novos resultados positivos foram obtidos. No Gráfico 3, pode-se ver os resultados alcançados com a sondagem feita ao final do mês de abril.

SONDAGEM 1º ANO A DIAGNÓSTICA ABRIL					
					9
				7	
					6
	4				
			1		
	NÍVEIS ESCRITA	PRÉ- SILÁBICO	SILÁBICO SEM VALOR SONORO	SILÁBICO COM VALOR SONORO	SILÁBICO ALFABÉTICO

Gráfico 3 – Resultado da sondagem de aprendizado – Mês de abril de 2018.

Fonte: Autoria Própria.

Em abril percebeu-se nova evolução na sondagem, e também, neste mês ocorre o fechamento da etapa com as notas e menções dos alunos. Nesta etapa, não houve qualquer aluno que tenha sido considerado abaixo da média.

As avaliações atendendo os critérios, de acordo com as hipóteses dos alunos, demonstraram que todos avançaram em suas hipóteses. Mesmo estando ainda dentro de uma mesma hipótese, reconheceram letras iniciais, identificaram o nome

próprio, alguns nomes de amigos, letras do alfabeto, apesar de ainda estarem na hipótese pré-silábica.

4.2 SEGUNDA ETAPA DA SONDAAGEM

A discussão maior se dá com o início de uma nova etapa e a necessidade do aluno evoluir em suas hipóteses. Na segunda etapa ainda se respeita a hipótese de cada aluno, e as atividades formativas acontecem observando estes avanços ou não das aprendizagens. Porém, a escola viu a necessidade de incluir critérios classificatórios para que os alunos que não evoluíram nas hipóteses não obtenham a média necessária, visto que eles ainda se mantêm na hipótese pré-silábica.

Neste caso, as atividades avaliativas passaram a possuir peso maior de nota para os alunos alfabéticos, silábicos – alfabéticos, e diminuíram o peso para os silábicos e pré-silábicos.

Com o encerramento da segunda etapa, alguns alunos ficaram abaixo da média. Neste caso aconteceram então diversos questionamentos por parte da direção e dos pais durante a realização do Conselho de Classe, tais como: porque na primeira etapa o aluno ficou com média e agora não? Ele regrediu? Ele não progrediu?

Passados então os meses de maio, junho e julho, o encerramento da segunda etapa ocorreu em agosto. Para tanto, foi aplicada uma nova sondagem que apresentou os resultados que podem ser vistos no Gráfico 4.

Outro aspecto a considerar nesta escola, é que, diferente de outras instituições, adota-se a política de reprovações desde o 1.º ano. Portanto, nesta etapa já se apresenta os possíveis retidos do ano letivo, fazendo-se então um acompanhamento com as famílias para que não ocorra a retenção sem que haja a ciência clara e expressa por parte dos pais ou responsáveis pela criança.

Neste sentido, quando ocorreu a retenção de algumas crianças, foi questionado por algumas famílias, a justificativa do atraso em avisá-los acerca da possível retenção que iria ocorrer. Normalmente os pais somente são notificados sobre a retenção de seus filhos no mês de setembro, um momento considerado muito tardio por alguns deles. Caso esta informação fosse passada antes, talvez

houvesse tempo de se planejar um maior apoio à criança dando-lhe chance de ser aprovado.

Em conversa com as coordenadoras e professoras, a resposta a estas perguntas foi que, no 1.º ano a criança tem um processo de aprendizagem que pode ser rápido ou não, cada criança é única e que a partir deste momento, percebeu-se a necessidade de um apoio familiar, pois se esperava que a criança demonstrasse um amadurecimento e um progresso até este momento e no caso de algumas, isso não ocorreu.

SONDAGEM 1º ANO A					
					11
DIAGNÓSTICA AGOSTO				8	
			4		
	2	2			
NÍVEIS ESCRITA	PRÉ- SILÁBICO	SILÁBICO SEM VALOR SONORO	SILÁBICO COM VALOR SONORO	SILÁBICO ALFABÉTICO	ALFABÉTICO

Gráfico 4 – Resultado da sondagem do mês de agosto de 2018 (final da segunda etapa).

Fonte: Autoria Própria.

Para as professoras, este é um momento muito complexo, pois, os questionamentos sobre as crianças que não evoluíram, traduz que ocorreu um trabalho sem qualidade, mesmo reconhecendo as diferenças e sabendo que cada criança tem seu tempo, seu ritmo.

Responder às questões sobre as notas retomou várias discussões, e uma delas é: será que a avaliação com critérios diferenciados para cada criança na primeira etapa representa uma proposta ideal para o processo de ensino e aprendizado apresentado pela escola? Como avaliar demonstrando o que o aluno aprendeu, porém, classificando-o de acordo com o que ele sabe, mas verificando o que deveria saber?

4.3 TERCEIRA ETAPA DA SONDAGEM

No mês de dezembro foi realizada uma nova sondagem nos alunos. Este procedimento apresentou resultados que não eram esperados por parte da direção da escola. Havia uma expectativa de boas evoluções por parte dos alunos que deveriam passar de hipóteses mais básicas para outras mais próximas da alfabetizada. Conforme pode ser visto no Gráfico 5, dos 27 alunos que iniciaram os estudos no 1º. ano, 9 não conseguiram atingir a hipótese alfabética. Para estes casos, haveria a necessidade de maior atenção por parte da escola e também dos familiares.

SONDAGEM 1º ANO A					18
DIAGNÓSTICA DEZEMBRO					9
	0	0	0		
NÍVEIS ESCRITA	PRÉ- SILÁBICO	SILÁBICO SEM VALOR SONORO	SILÁBICO COM VALOR SONORO	SILÁBICO ALFABÉTICO	ALFABÉTICO

Gráfico 5 – Resultado da sondagem do mês de dezembro de 2018 (final da terceira etapa).

Fonte: Autoria Própria.

No entanto, dentro destas hipóteses há alunos com diferentes compreensões. Há aqueles que já estão convictos e praticamente alfabéticos, de acordo, com a professora, mas há aqueles que ainda possuem dificuldades, trocas de letras. Percebeu-se os casos em que o aluno descobre que a sílaba possui mais letras para um fonema, mas nem sempre os identifica, percebendo uma escrita ainda longe do alfabético.

Na última etapa, os instrumentos avaliativos são iguais para todos os alunos e possuem pesos diferentes, porém a escola entende que não deve haver pesos, pois

todas as crianças deveriam estar na hipótese alfabética. As atividades formativas respeitam o conhecimento de cada criança, mas as avaliações classificatórias esperam o conhecimento da hipótese alfabética para todos os alunos.

As discussões no conselho de classe evidenciaram as falhas no processo avaliativo. Em relação às notas, os alunos possuem médias para passar de ano, devido as notas da primeira etapa e somadas com as etapas posteriores, mesmo não atingindo a meta de ensino.

4.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS - SÍNTESE

A avaliação no 1.º ano do Ensino Fundamental gera expectativas nos sujeitos que participam e naqueles que orientam, verificam e analisam os resultados. Espera-se que os alunos evoluam em suas hipóteses e de acordo com os gráficos demonstrados percebe-se que isso ocorreu, mas não de maneira satisfatória conforme esperado.

A análise global dos alunos envolvidos, de acordo com a professora, foi positiva, pois, percebeu-se grandes evoluções e desenvolvimento da aprendizagem, porém, em uma análise fria e calculista dos resultados, não atingiu o esperado, pois nem todas as crianças finalizaram o ano em hipóteses alfabéticas.

As questões colocadas durante o conselho de classe geram dúvidas quanto ao processo classificatório: por que o aluno apresentou uma boa nota na primeira etapa e nas outras não? Por que não haverá retenção, devido as notas, se os alunos ainda não estão alfabéticos, de acordo, com as metas?

A avaliação por critérios, diferentes para cada aluno, respeita a individualidade; possibilita avanços, mas ainda traz dúvidas quanto a fidedignidade nas notas. Ficam ainda as inquietações: como avaliar? o que avaliar? como o aluno deve entrar no 1.º ano? (esse último item é algo complexo, pois envolve os aprendizados que a criança deve desenvolver na educação infantil e sobre a avaliação na educação infantil).

No 1.º ano a avaliação poderia ser semelhante à da Educação Infantil, sem atribuição de notas, mas esta não poderia jamais ser uma forma de não desenvolver

os objetivos pretendidos nas crianças,mas de dar um equilíbrio nestas diferenças respeitando cada ritmo, tempo de cada criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÃO

Por meio da aplicação deste estudo ficou evidente a necessidade de garantir situações diferenciadas às crianças, pois não é desafiador para alguns fazerem o que já sabem e para outros não será possível fazer o que não conseguem.

Os estudos de Emília Ferreiro contribuíram grandemente para o processo de alfabetização, observando as hipóteses das crianças é possível criar estratégias pontuais para auxiliá-las neste processo.

Importante também identificar as estratégias de leitura trazidas por Solé, estas podem contribuir significativamente no processo de alfabetização, apoiando a escrita e ampliando o repertório dos alunos nos diferentes tipos de atividades. A leitura também é fundamental na sondagem diagnóstica, pois é através dela que pode perceber qual hipótese encontra-se o aluno.

Com o apoio do estudo de Vygotsky foi possível intervir com agrupamentos e questionamentos nos quais a criança se desenvolverá mais rapidamente. Esses agrupamentos produtivos são fundamentais nas atividades formativas, pois, nelas os alunos terão um grande avanço com o apoio de seus pares e com a mediação do professor.

O processo avaliativo é fundamental para direcionar e avançar no trabalho em sala de aula. A avaliação diagnóstica pode contribuir para conhecer, e delinear todo o trabalho com as crianças, e a avaliação formativa desenvolver e ampliar os conhecimentos delas, utilizando-se de atividades diferenciadas para cada nível de escrita.

O grande conflito e sem respostas, e a principal motivadora para este trabalho foi a avaliação classificatória, conhecida também como somativa, no 1.º ano do Ensino Fundamental. Esta avaliação imprescindível no sistema estudado gera dúvidas e incertezas quanto ao trabalho realizado ao longo do ano, mesmo percebendo avanços dos alunos ao final do ciclo.

Para esta avaliação e para as outras é fundamental a utilização de critérios e objetivos específicos, de acordo com as hipóteses dos alunos, também é necessário a utilização de diferentes estratégias e instrumentos para contribuir no desenvolvimento dos níveis de escrita estudados.

Porém, mesmo utilizando os critérios, os instrumentos e obtendo um resultado de avanço para todos os alunos há ainda vários pontos de interrogação no que diz respeito ao aprendizado dos alunos, considerando que todos eles deveriam encerrar o ano na hipótese alfabética, o que não aconteceu neste caso.

Como um auxílio aos professores das séries iniciais, poderia haver mais estudos aprofundados sobre a avaliação com ênfase nas habilidades de cada criança, principalmente, sobre a avaliação classificatória. Ao pesquisar sobre avaliação, há um material riquíssimo sobre a avaliação formativa, diagnóstica e pouco se fala sobre a atribuição de notas. Outras questões sobre essa classificação é dar notas em diferentes conhecimentos, como avaliar a leitura, interpretação, escrita e tirar uma média dessas diferentes habilidades. Este ainda é um assunto complexo, que professores enfrentam a cada etapa letiva, na qual precisam atribuir menções ao aprendizado de seus alunos e decidir sua vida educacional.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO FÁCIL. Disponível em <<http://alfabetizacaoeletramentofacil.blogspot.com/p/atividades-pr-silabicos.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

ALLE. Disponível em < <http://allealfabetizacaolegal.blogspot.com/2011/03/niveis-de-escrita-intervencoes-para.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

BLOG PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO. Disponível em <<http://vivianefebf.blogspot.com/2012/07/fases-do-processo-da-escrita-pre.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

CLASSIFICAR. Dicionário Aulete digital. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/classificar>> Acesso em 5 mai. 2018.

EDUCAIPO. Disponível em <<http://educaipo.blogspot.com/2013/08/hipoteses-de-escrita.html#.W1s3btQrKt8>> Acesso em 5 mai. 2018.

ENSINAR A APRENDER. Disponível em <<http://ensinar-aprender.com.br/2011/07/niveis-de-desenvolvimento-da-escrita.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

ESPAÇO SABER. Disponível em <http://espaco-saber1.blogspot.com/2014/11/hipotese-de-escrita-silabica-alfabetica_27.html> Acesso em 5 mai. 2018.

FERNANDES, Domingos. **Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e política**. São Paulo: Texto Editores, 2005

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

JANELINHA DE ATIVIDADES. Disponível em <<https://janelinhadeatividades.blogspot.com/2015/09/rima-atividades-para-imprimir.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **50 Técnicas de avaliação formativa**. Lisboa: Lidel, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1993.

MUCELIN, C. A. **Estudo ecológico de fragmentos ambientais urbanos: percepção sócio histórica e pesquisa participante**. Maringá, 2006. 413 p. Tese de Doutorado. – Doutorado em Ecologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2006.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997. – (Pensamento e ação no magistério)

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

PINTEREST. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/407786941240561636/>> Acesso em 5 mai. 2018.

REDE CAMINHO DO SABER. 5 mai. 2018. Disponível em <<http://www.redecaminhodosaber.com.br/blog/conheca-os-niveis-de-alfabetizacao/>> Acesso em 5 mai. 2018.

REFERENCIAL CURRICULAR DO SISTEMA SESI-SP de Ensino: Ensino Fundamental / Serviço Social da Indústria (SESI-SP). - 1.ed. – São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

RESEARCHGATE. 5 mai. 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Escrita-pre-silabica-indiferenciada-GrafismosPrimitivos_fig2_311680582> Acesso em 5 mai. 2018.

SABIDINHOS DA IOIO. 5 mai. 2018. Disponível em <<http://sabidinhosdaioio.blogspot.com/2011/04/niveis-conceituais-da-escrita.html>> Acesso em 5 mai. 2018.

SÓ ESCOLA. 5 mai. 2018. Disponível em < [https://www.soescola.com /2017/03/fases-da-alfabetizacao-da-crianca.html](https://www.soescola.com/2017/03/fases-da-alfabetizacao-da-crianca.html) > Acesso em 5 mai. 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Avaliação formativa: práticas inovadoras**. 1 ed. São Paulo: Papirus, 2011. (Magistério - Formação e trabalho pedagógico).

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.